



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

1 de Novembro de 2003 • Ano LX • N.º 1556
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

TRIBUNA DE COIMBRA

João Paulo II e Teresa de Calcutá

A celebração dos 25 anos de pontificado de João Paulo II e a beatificação de Madre Teresa de Calcutá foram os acontecimentos eclesiais mais mediáticos da semana passada. Até o serviço público de televisão procurou cumprir como, aliás, lhe compete. Já não estávamos habituados... As entrevistas, a reportagem, a cobertura em directo, o tempo de antena, pareceram-nos respirar outros ares menos «tóxicos». Precisamos de ar fresco e de luz.

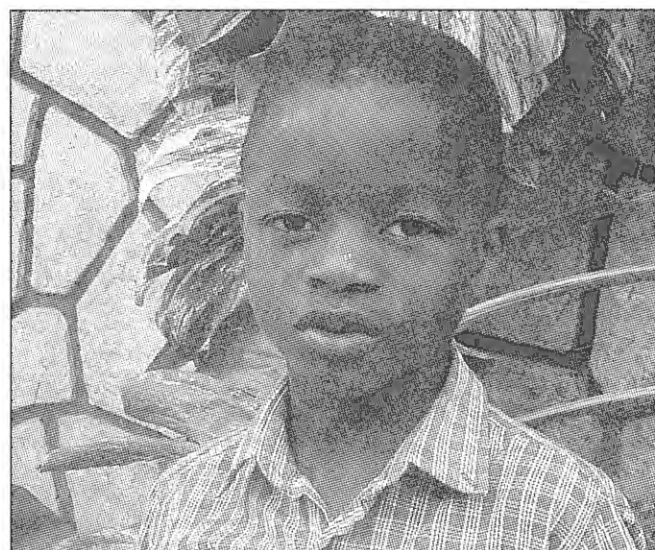
João Paulo II é do nosso tempo; do tempo da nossa juventude. Marcou-nos profundamente como tudo o que

se passa connosco, nessa idade, marca de forma inesquecível. Recém-eleito, a sua juventude, a sua abertura ao Mundo e ao Homem, galvanizou-nos. O encontro com a juventude de Portugal, em 1982, no Parque Eduardo VII, foi um marco histórico. Espectáculo de rara beleza humana a que o Tejo nobre, ao fundo, emprestou moldura inesquecível. «Abri as portas a Cristo». Brados firmes e fortes que atroparam as muralhas seculares da cidade de Lisboa, propagando-se em ondas magnéticas até aos confins do Atlântico. «O caminho da Igreja é o caminho do homem». Mais gritos do

mesmo coração em labaredas aos jovens, «aliados naturais de Cristo» e sempre sedentos de causas nobres e ideais de justiça.

À juventude daquele tempo, Deus ofereceu-lhe, em João Paulo II, um referencial de confronto com a verdade e as grandes opções da vida. Quantas escolhas mais acertadas na orientação do projecto de vida de cada um, no interesse de servir a causa pública e na própria vocação não influenciou João Paulo II desde então, decisivamente? Quem se cruzou com ele, com a sua pessoa, com o seu pen-

Continua na página 3



Na guerra, as crianças são as vítimas mais atingidas.

BENGUELA

Uma visita

COSTUMO dizer às pessoas que nos visitam: — O que estiver bem, é obra deles (dos rapazes) e o que estiver mal, é obra deles também. É uma forma de marcar o centro da nossa maneira de viver. Assim aconteceu, há dias, com a visita da Directora Regional da Cruz Vermelha Internacional. Não conhecia a Casa do Gaiato porque chegou ao Lobito há pouco tempo. Ficou surpreendida com a beleza da nossa Aldeia, disse. Enquanto caminhávamos, ia perguntando como era a nossa vida. Parecia-lhe tudo diferente do que estava habituada a ver e a ouvir. Ao entrar numa das casas de habitação, reparei que não

estava bem arrumada. Também é obra deles. Foi mais uma oportunidade para chamar o responsável.

Estes pormenores, aparentemente insignificantes, dizem que somos imperfeitos, como todas as pessoas normais. A nossa visitante sentia-se comovida com o ambiente que lhe falava da verdade.

A Cruz Vermelha está a fazer um serviço cheio de interesse, juntamente com outros organismos. A guerra, ao longo do tempo, matou e dispersou muitas famílias. Tudo o que possa ser feito no sentido do reencontro dos membros familiares é trabalhar para o equilíbrio social tão fortemente abalado. As crianças foram, sem dúvida,

Continua na página 4

MALANJE

Cantinho dos rapazes

UMA Embaixada emprestou-me filmes. Belas paisagens, normas de saúde, higiene e histórias. Fiz uma sessão numas escolas para duzentas crianças. Silêncio total sem qualquer reacção até ao momento em que um actor enterrou uma faca na barriga de um chimpanzé. Foi um delírio, gritos de gozo e palavras.

Como assim?

Pensei: Fruto da exibição de filmes de violência e sexo nas salas de cinema e cubatas clandestinas. Também fruto de uma violência colectiva a céu aberto. Raras vezes atravesso a cidade sem que veja uma luta entre jovens. Os curiosos fazem uma roda e assistem com gozo e gritos à contenda.

Também este mal chegou à nossa Casa e por duas vezes com consequências graves... Tomemos consciência deste mal, caros rapazes.

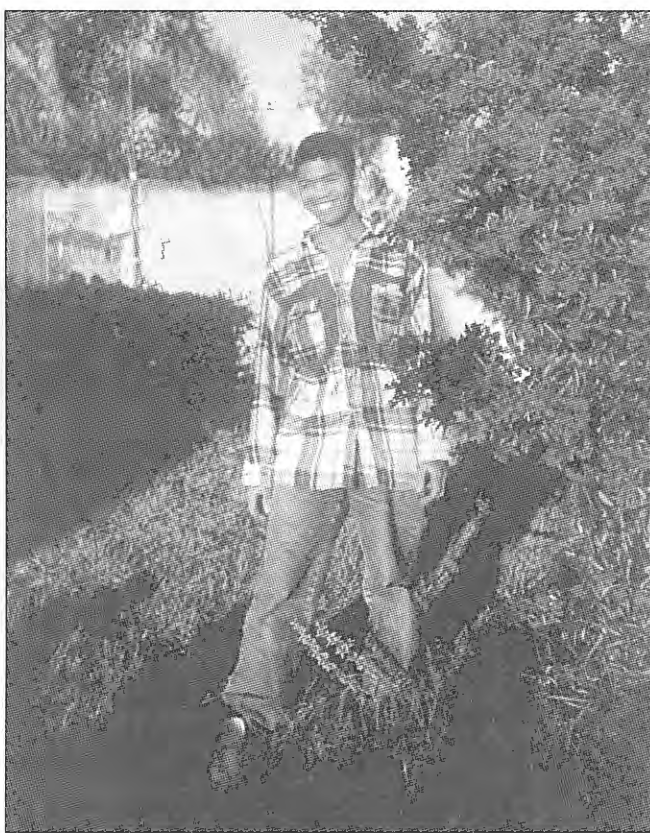
Pensai e vede se a violência traz algum bem, se conduz a algo de positivo. Somente dor e, tantas vezes, a morte.

O roubo ficou «arte» de roubar. Vício que se entranhou nesta nossa sociedade. A nossa Casa nem tem muros, é só entrar. Desta vez foi um rapaz da cidade que veio frequentar as nossas escolas: aliciou três rapazes nossos e foi uma quantidade de varões de ferro para serem vendidos nas praças da cidade.

Que falta nos fazem estes varões... Em que preço nos vão ficar outros...! Um roubo estúpido por três meninos que aqui beberam o leite desde pequeninos. Um deles veio muito magrinho! Pagou o leite de uma só vez.

Aliciados por um rapaz estranho à nossa Casa. Não vos deixeis seduzir pelos «simpáticos» que, em vez de ajuda, querem levar algo e roubar a nossa PAZ.

Padre Telmo



Os jovens são «aliados naturais de Cristo».

PRATICANDO O BEM

Libertar os oprimidos

O Fernando Dias anunciara: — *Está ali uma Senhora que lhe quer falar.*

Assoberbado com trabalhos imediatos, inadiáveis: — Já a atendo — respondi.

Saí do escritório por duas ou três vezes e, de raspão, fixei-a sentada num banco esperando pacientemente e fui-a confortando com o «já a atendo».

Só quem anda a pedir sabe avaliar quanto custa passar por estas cir-

cunstâncias e quanto consola um aceno de esperança.

O olhar magoado da Senhora fazia-me adivinhar um drama doloroso e espicaçava-me a acolhê-la bem.

Sentou-se, frente a mim, e, de olhos no chão, começou a desfiar o seu rosário de amargura!

O marido batia-lhe, roubava-a, não trabalhava, não se responsabilizava por nada e ela não aguentou. Fugiu-lhe com os filhos, recolheu-se em

casa arrendada com água e luz e foi trabalhar para um restaurante — isto há ano e meio.

Ia vivendo com dificuldade, mas libertara-se da opressão e o marido ainda não tinha dado com ela.

Nem contrato com o patrão, nem contrato com o senhorio.

No mar do sofrimento agarrou-se à primeira tábuca de salvação sem verificar qualquer segurança.

O patrão começou a olhar para a sua beleza e montou uma estratégia fácil.

Deixou de lhe pagar.

Não tendo nada escrito que o obrigasse, ela ficou na pendura. Foi chorando, falou-lhe dos filhos, da renda

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

UTENTES DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — É órfão de pai e mãe. Naquele tempo seria um gaiato... que vivia, algures, num barraco.

Entretanto, vaga uma casa do Património dos Pobres, das mais pequenas que Pai Américo legou. Trouxemo-la de África, do Congo, em 1952. É a casa das *Mulheres Portuguesas de Bumba*. Lembramos a generosidade delas, naquele tempo...! E a alegria de Pai Américo.

A presença deste moço, na altura, achou estranha a vizinhança: — *Um moço numa casa dos Pobres!?*...

Não nos importámos com a ditanga. A verdade é que era preciso um abrigo para o rapaz que não tinha abrigo capaz.

Evidentemente, procurámos, desde a primeira hora, motivá-lo de forma a ter juízo para ali viver decentemente, qual lugar santo — diria Pai Américo.

Os anos passaram. Ele é trabalhador da construção civil que mantém uma linha recta na sua vida social.

Está, agora, com uma idade que precisa duma companheira — para casar.

Pôs-nos o assunto com seriedade: — *Daqui por um ano, queria ter uma mulher que me acompanhasse...*

Conversámos. — *Ela trabalha no Porto, disse. Vamos ver se consegue um trabalho mais perto...*

Já a conhecemos. Mulher de cara lavada!

MÃE SOLTEIRA — Tem-nos dado que fazer! O filho, também. Mas, agora, precisa de uns óculos, caros, para trabalhar. Traz, já, um orçamento da obra: 91 euros, com o respectivo desconto. Que remédio, se não procurarmos o valor para esta compra...

A nossa vida é assim mesmo. Estamos a servir... na hora própria. Deus nos ajude.

PARTILHA — Hoje, há poucas presenças!

Cinquenta euros, do assinante 19148, «para aliviarem um pouco o 'apertão' da farmácia». E continua, com a amizade de sempre: «*Que o Senhor vos conforte e confirme na fé*». É um homem de fé viva e consciente.

Agradecemos o «abraço fraterno» que nos deixou.

Lourdes, de algures, presente, também, com «a miga-lhinha» (cinquenta euros) «do costume, este mês um bocadi-

nho maior». «*As necessidades cada vez são maiores, tenho muita pena de não poder colaborar com mais. Bem-haja pelo bem que fazem a tanta gente. Desejo-vos muita saúde, que é o que nós procuramos em primeiro lugar, para podermos ajudar os outros*».

Legendas riquíssimas, do ponto de vista espiritual!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Há dias, li numa revista, que determinado músico, aos 62 anos de idade se sente em boa forma física, sem rugas e de óptima saúde, causando inveja aos colegas de profissão, com metade da sua idade. Houve, quem, por graça, lhe tenha perguntado: «Qual é o segredo? Muito peeling, muita plástica?» Ele respondeu com uma gargalhada: «*É muito peeling, é! Levo uma vida muito saudável, continuo a fazer imenso desporto. Durmo 9 horas por dia. Não bebo álcool e não me meto em drogas*».

Ora aqui está: «*Continuo a fazer imenso desporto...*» Está provado que o Desporto não escolhe idade! Que bom seria se todos o escolhessem para ocupar as horas de lazer, e tal como ele, não se metessem em drogas. Talvez fosse bom, não digo obrigar, mas incentivar os jovens à prática do mesmo. A hora do desporto, deve ser respeitada por todos e todos deviam participar. Fico triste, ao ver Rapazes nossos, na hora do treino, acomodarem-se no sofá a ver televisão, ou a entreterem-se com coisas bem menos saudáveis!... Temos que respeitar, mas gostaríamos imenso que eles acordassem!

Para aquele músico estar como está, não foi aos 62 anos que começou a praticar desporto. Aliás, ele diz mesmo: «*Continuo...*», sinal que o pratica desde novo.

Tal como o homem não vive só de pão, também aquele músico, não tem vivido só para aquilo que é a sua profissão, mas, tudo tem feito pela sua saúde.

No dia 4 de Outubro os Iniciados receberam o Sport Clube Paivense a quem ganharam com golos de «Bolinhas» (4), Abílio (2), Ricardo Sérgio (1) e «Pitinha» (1), contra 1 do adversário. A 20 minutos do final do encontro, aproveitámos a vantagem no marcador, para lançar os estreantes: André, Pedro, David e ainda o Bruno Filipe (neto da Obra), Zé Luís e Joaninha.

Os Seniores receberam «Os Fiascos» e à terceira foi de vez. Depois de duas derrotas seguidas, desta vez, ganharam por 4-2 com a equipa a funcionar em pleno. Desde o guarda-redes ao ponta-de-lança, passando pelo Gil, que actuou a meio-campo e fez um golo, daqueles de se lhe tirar o cha-

péu, todos estiveram bem; mas, é justo salientar o trabalho do «Bonga», pela sua dedicação e pelo seu espírito de sacrifício durante todo o jogo.

Mais uma vez ficou provado, que só faz falta quem está!...

Alberto («Resende»)



Filho do Lourencito que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

TOJAL

ESCOLA — Os nossos estudantes já estão em aulas. Esperamos que este primeiro período do ano escolar nos corra da melhor maneira para podermos alcançar o nosso futuro.

INFORMÁTICA — Temos nova sala de estudo com novos computadores para os estudantes com mais necessidade realizarem os trabalhos escolares.

OBRAS — Em frente à sala de espectáculo está a ser construído um pequeno jardim que será muito bonito e útil para a nossa Casa. O jardim dos mais velhos fica mais sorridente, pois já estávamos a ver os sorrisos a fugirem demasiado.

Criança crescida

Tu criança
Que deixaste
De chorar
Muito cedo
Ao colo da
Tua progenitora
Que rápido
Te tornaste adolescente.
A sociedade
Chama por ti
Hoje não és criança
Não tarda
A cabeça cobre-se de branco
Serás pai ou mãe!
Para o outro criar?
Esqueceste o teu passado?
Tu criança crescida
Que hojes desconheces
O beijo
Do ser que te deu a vida
Desconhece-se a razão
Porque te abandonou.
Criança hoje não és,
Não te esqueças
Que um dia foste criança.

Abílio Pequeno

MALANJE

ESCOLA — Mais um ano lectivo que está a terminar. Já estamos no terceiro trimestre e ainda alguns rapazes brincam com os estudos, porque ainda não descobriram este valor. É uma pena!, porque o tempo vai passando e cada vez mais nos aproximamos do fim.

Esses rapazes não dão conta do «recado». Precisam sempre de ser guiados pelos chefes, porque não sabem que a Escola é a preparação para um futuro melhor. É a Escola que nos abre as portas para a vida.

FUTEBOL — Estamos a participar no campeonato «Gira Bairro», a nível provincial. As coisas não estão a correr muito bem, por culpa nossa. Estamos mal em termos de classificação, ocupamos o 9.º lugar, porque a equipa está

desorganizada e ninguém quer saber de nada sobre os treinos.

Sabemos que estamos a competir para um título, mas só treina quem quer. A equipa não respeita o capitão porque o nosso treinador não tem tempo para os treinos. De manhã vai para a escola e de tarde para o curso, ficando o grupo à responsabilidade do capitão. Só que, em geral, ninguém quer saber. Porquê? Isso é o que interroga a muitos.

É assim que esperamos ser campeão? Acho que é necessária a colaboração de todos, acreditar que somos capazes porque ainda estamos no princípio e temos muito para dar. Mas, para isso, temos que trabalhar muito e ter fé no nosso trabalho porque nós somos capazes.

TRABALHO — Temos rapazes que ainda não descobriram o valor do trabalho, pois fazem dele uma coisa qualquer. Quando chega a hora, alguns não querem saber deste valor, têm medo de aprender alguma

coisa sem saberem que é um bem para eles. Nós devíamos considerar o trabalho como uma pedra preciosa, porque quem não aprende nada, não será nada na vida. O trabalho é o nosso bilhete para a vida. Além disso, só trabalhando é que poderemos ser homens. Não devemos desperdiçar este valor, devemos ser autónomos, já é altura de aprendermos qualquer coisa. O tempo é agora. Temos de mudar de mentalidade senão corremos o risco de, no futuro, termos muitas dificuldades. Se não aprendermos agora, o tempo não perdoa e, depois...!

MANGAS — Já chegou a época das mangas. Estamos muito contentes por, mais uma vez, as saborearmos. Elas são muito gostosas e todos gostamos delas. Os nossos pomares estão carregados e esperamos deles o melhor possível. Os rapazes estão sob controlo porque esperamos boas sobremesas delas.

César Daniel («Massauro»)



Encontro de antigos gaiatos de África, em Setúbal.

Em Vida, Irmão, em Vida

Se queres feliz fazer
Alguém a quem queiras muito...
Diz-lhe, hoje, o teu querer
Fá-lo em Vida, Irmão, em Vida...
Se desejas dar uma flor,
Não esperes que ela murche
Manda-lha, hoje, com amor...
Fá-lo em Vida, Irmão, em Vida...
Se desejas dizer «gosto de ti»
À gente da tua casa, que te é querida,
Ao amigo perto ou longe,
Fá-lo em Vida, Irmão, em Vida...
Não esperes pela sepultura
Das pessoas, para as amar
E dar-lhes a sentir tua ternura
Fá-lo em Vida, Irmão, em Vida...
Ser venturoso mereces
Se aprenderes a fazer felizes
A todos os que conheces
Em Vida, Irmão, em Vida...
Nunca visites panteões
Nem enchas tumbas de flores
Enche de amor corações
Em Vida, Irmão, em Vida...

Um anónimo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Em 30 de Setembro de 2003 a nossa Conferência fez 19 anos que foi reactivada. Os três casais que a começaram, ainda se mantêm vivos nesta caminhada; outros, que entraram, por motivos particulares, deixaram de estar. Mas, realmente tem sido complicado porque as carências são muitas e não temos tempo para tomar conta de mais casos. Mas, para os que ainda temos, temos tentado dar o nosso melhor. Podemos dizer que o balanço é positivo porque quem visita o irmão carenciado é que se apercebe da realidade. Vou transcrever um dos conselhos que o nosso Padre Manuel António nos deu numa visita que fez à nossa reunião de 14/9/1985:

«Pai Américo preocupava-se em não dar esmola na rua, mas, sim, na casa do Pobre. Na visita ao Pobre ia ao encontro dos seus problemas, e não era na rua que se conheciam as suas carências, mas para isso era preciso tempo, sobretudo, nos primeiros contactos com os Pobres. Primeiro devemos ouvi-los e depois procurar ir ao encontro dos seus problemas. Nós devemos, de algum modo, fazer uma hierarquia de problemas. Critério por aquilo que o Pobre diz, porque pode acontecer que este trabalho não produza e é pena que não tiremos proveito do mesmo, e isto pode ser por falta de jeito dos confrades. Temos de ter

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição,
no mês de Outubro,
63.325 exemplares.

Praticando o Bem

Continuação da página 1

da casa, um dia, outro dia, e ele foi-lhe dando, aos poucos, nada que chegasse para ela saldar as suas dívidas.

O dono da casa ameaça-a com a rua. Também não passava recibo. Podia fazer o que entendesse que a lei dos homens não lhe ia para cima.

Estava o terreno preparado para apanhar a desamparada.

Ela, com esta ameaça, põe-se na boca do lobo.

Pede ao patrão que lhe pague, senão vai para a rua com os filhos.

Foi o que ele quis ouvir.

Era só ela aceitar uma proposta que tudo lhe pagaria e até a aumentava.

Mas ela não se vendeu. O que sofrem os Pobres!...

Não têm a esperteza do mundo. São simples. E ao que se sujeitam!...

Neste tempo em que tudo se vende, esta Senhora ergue-se como um gigante!

O Senhor enviou-me a anunciar a Boa Nova aos Pobres, a libertação aos oprimidos e a alegria aos que sofrem!...

Cumpria-se, naquele momento, a profecia do Senhor.

Encorajei-a. Dei-lhe para dois meses de renda de casa e mais cinquenta euros para se manter até arranjar trabalho.

Aliviou. Encheu-se de alegria e quis beijar-me.

Garanti-lhe que Deus não a abandonaria e que Lhe desse graças! Só a Ele! A mais ninguém.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

samento, naqueles anos de juventude, nunca poderá esquecer a enorme riqueza espiritual que lhe foi oferecida.

A beatificação de Madre Teresa de Calcutá foi, de certo modo, uma «prenda» que João Paulo II, aniversariante, ofereceu à Igreja e, até, ao Mundo: A santidade é a felicidade do homem. Ambas se buscam infatigavelmente no único caminho possível: o da Caridade.

Padre João

DOCTRINA

Uma novidade



UM dos nossos rapazes foi aviar um recado a Lisboa. É verdade! Um gaiato de catorze anos e pouco mais levou a missão de acompanhar um irmão doente a um Instituto e, de caminho, entregou três mensagens em outros tantos Ministérios — o pequenino mensageiro da nossa Obra. Foi documento vivo; prova real; estímulo para outras obras. Escrevi o itinerário, dei-lhe 300\$00, marquei tempo e lugares. O rapaz cumpriu satisfatoriamente. Chegou a Casa à noite. Estávamos à ceia. Oh, que matizada no refeitório! Todos saíram dos seus lugares irreverentemente, a saber coisas.

A novidade não está na acção do rapaz; qual quer um, de qualquer estabelecimento congénere, podia fazer o mesmo. Mandar que ele faça; interessá-lo no mandado; deixá-lo abrir as asas e adejar — eis a verdadeira novidade. É muito fácil, sim, mas nunca ninguém o fez, ao menos que se saiba. Os ovos de Colombo são raros, mas aparecem. A gente ensaia, observa e guarda no peito os primeiros voos destas almas, sem esfregar as mãos nem botar foguetes. A Casa do Gaiato não é nenhuma «máquina de fazer santos», como alguém disse por picardia. Nós estamos aqui para fazer frente às realidades. É impossível que todos os nossos dêem tábua; muitos hão-de ser casqueira. É assim nas famílias bem nascidas. Com muito mais razão nesta, cujo nascimento foi desgraça e infância aborrecimento. É impossível.

AQUI há tempos, foi-me dado ir buscar a certa cadeia, com licença do Ministro da Justiça, um rapaz. O pai estava. Disse-me que tinha em casa mais sete filhos. «Eu não sei, bom padre, como isto pode acontecer!» Tenho recebido na minha vida muitas cartas de pais aflitos, algumas com sinais evidentes de lágrimas caídas no papel, tal o amor àquele filho! Pai e filho, diante da realidade, a viver o mistério do composto humano!

ORA eu também sou «pai», porque sou padre. Já tenho sofrido e estou para sofrer; é a glória da paternidade. Bem sei que não faço santos. Pudera eu santificar-me nesta vida que elegi por graças de Deus. Sei o terreno que piso. Quando, amanhã, os jornais disserem ao público o crime de um gaiato, basta encontrar um amigo que me saiba enxugar as lágrimas como tantas que eu tenho enxugado a pais e mães dolorosos — e caminho para a frente.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Correspondência dos Leitores

«(...) Por vezes queixamo-nos da nossa vida, mas quando a confrontamos com aqueles que nada têm e nunca se queixam, devemos envergonhar-nos de não sabermos agradecer a Deus tudo quanto nos tem concedido de bom e a que nem sempre damos valor.

Peço perdão a Deus pela minha ingratidão.

Assinante 57139».

a preocupação de primeiro ouvir os seus problemas. Há problemas que não são conhecidos; Pobres envergonhados, e há situações a que temos de dar prioridade. Os Pobres são nossos, são a nossa herança, uma herança que Pai Américo não só deixou aos Padres, mas também aos rapazes e casais gaiatos. Que não tenhamos medo dos problemas. Para uma Conferência andar para a frente, tem que ter problemas, e só em conjunto podemos partilhar e arranjar soluções. O trabalho do vicentino não é só material, mas também social. O nosso trabalho, a Caridade e o Amor de Deus é que nos dão força para partilharmos com os outros».

Foram estes conselhos e outros que os nossos Padres Telmo e Carlos nos deram que nos mantiveram unidos, apesar de, às vezes, não concordarmos; mas, no fim, sempre conseguimos arranjar soluções.

É gratificante a forma como os confrades defendem os seus Pobres, são uma parte deles, porque cada um sabe das suas carências, e também já existe um laço muito forte com estes, porque já estão connosco, a maior parte, desde o início da Conferência. Somos uma família. Estes irmãos continuam a precisar de nós, não só pela parte material, mas da nossa companhia.

Mais uma vez queremos apelar aos casais gaiatos que desejem fazer parte da nossa Conferência, que nos contactem, dêem um pouco do vosso tempo aos irmãos que anseiam uma voz amiga. Venham colaborar, não digam que não têm tempo, porque se assim pensam ninguém tem tempo; temos é que pensar que há pessoas que precisam de nós e que temos muito trabalho pela frente. Se formos todos unidos, podemos fazer muito mais.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — M. M., cinquenta euros; Amiga Dolores, dez; Amiga de Arouca, vinte.

Em nome dos nossos Pobres, bem-haja a todos.

Casal Félix



Margarida Freitas, filha da Célia e do Freitas da Escola Gráfica da Casa do Gaiato de Setúbal.

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

A Associação tem uma nova liderança, sendo o César o novo responsável máximo. Depois de tantas nuances discutidas, lá foi arranjada a plataforma directiva. Espero que se faça mais calor humano, isto é, apareçam, dêem um ar da vossa graça. Porque para dar força, também é preciso sentir. Venham, pois, daí.

S. MARTINHO — Realiza-se na nossa sede a 16 de Novembro (um Domingo). Oferecemos as castanhas, água-pé, sardinhas, etc. Tragam, se entenderem, bolos ou outros produtos. Como não pode deixar de ser, temos que contribuir com alguma coisa, sendo as crianças até aos quinze anos

isentas, pagando cada casal 7 euros, e os outros 4 euros.

FESTA DE NATAL — A partir de 16 de Novembro, estão abertas as inscrições para os filhos e netos dos associados, até aos quinze anos. Haverá um responsável pela recolha dos nomes e idades das crianças. É necessário o caro amigo ter a sua quota em dia, e o prazo termina a 14 de Dezembro, não sendo admissível o próprio dia. A festa é a 21 de Dezembro na nossa sede.

César Amante

SETÚBAL

FUGITIVO — O rapaz de quem tínhamos falado na última crónica, já está em Casa. Chegou depois de ter andado com um grupo de rapazes de

fora. Ele fugiu porque não gosta de estar na Escola.

BAR — O *ti Zé* continua a arranjá-lo com a ajuda de três rapazes. Já fizeram o chão e estão, agora, a fazer os bancos e o balcão. Ainda têm muito trabalho pela frente.

CANIL — Os nossos cães já estão instalados noutra sítio. O novo canil está dividido em duas partes, ficando de um lado o «Bolinhas» e do outro o «Óscar». Agora já podem apanhar ar e sol em abundância.

POMBOS — Num destes domingos comemos arroz deles. Foram criados na nossa capoeira e tratados pelo Mário. É um prato que não se costuma comer muitas vezes; mas, de que todos gostaram e eu também.

ESCOLA — Os rapazes já se estão a preparar para os testes. Depois veremos se eles estudaram ou não. Um outro grupo de rapazes que vão para o Curso Profissional de Electricidade, estão quase a começar as aulas. Esperamos que aproveitem esta oportunidade.

Pedro Gomes

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA — Em conformidade com o acordado, em Assembleia Geral Ordinária, realizada em 20 de Julho de 2003 e pelo art.º 12.º §2 alínea a) do novo Estatuto da Associação, convocamos todos os sócios para reunirem, extraordinariamente, em 9 de Novembro (Domingo), pelas 10 horas, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Aprovação do novo Estatuto da Associação;

2 — Deliberar sobre o grupo de sócios que constituirá legalmente a Associação, como seus fundadores;

3 — Outros assuntos de interesse para a Associação.

A Assembleia Geral Extraordinária funcionará com a maioria absoluta (metade mais um) dos seus sócios.

Decorridos trinta minutos após a hora designada para o início da sessão, a Assembleia funcionará com qualquer número de sócios.

Em qualquer dos casos em que funcione a Assembleia, as suas resoluções terão efeito imediato e serão vinculativas.

A aprovação do disposto em Assembleia será feita por voto dos sócios que tiverem a sua situação regularizada. Não poderão votar os sócios com quotas em atraso.

A aprovação será feita por maioria simples de votos.

No interesse do futuro da Associação (por isso, no interesse de todos quantos a queiram) pedimos a adesão de todos para que se evitem dissabores.

A tua participação é importantíssima. Não digas, depois, que não estás de acordo com isto ou aquilo. Tens, agora, oportunidade de dar o teu parecer. Comparece!

Júlio Fernandes

Património dos Pobres

A JUDEI uma família de Galegos, terra natal do inspirador e realizador desta rubrica.

Um filho deficiente; o marido, de súbito, adoeceu com gravidade; ela, diabética.

Puseram telhado novo na sua casa; mas, o repentino da doença fez com que ficassem a dever ao trolha 300 contos. Pagaram o material. Ficaram a dever a mão-de-obra.

Veio com uma vizinha. Ambas davam veracidade aos factos e às situações contando a evidência, que acreditei. Dei-lhe 750 euros para compensar o salário do trabalhador e a outra metade que a arranjasse por outros meios.

E... lá fui desabafando as minhas mágoas:

— Daquela freguesia nunca mais ninguém, homem ou mulher, quis viver a sua fé à maneira do Padre Américo: Dando a vida, toda a vida, gratuitamente aos Pobres.

Ergueram-lhe um busto! Mas, que é isso?! Até hoje nunca ninguém!...

Mas trago, hoje, outra aflição.

Fui encontrar em casa de uma única divisão mais ou menos com seis metros por seis, de telha vã e chão de terra batida, uma família com três filhos e a avó.

Quando cheguei, eram umas cinco horas da tarde, a mãe amamentava uma criancinha e a avó lavava-se no tanque da roupa, cá fora.

Tinha andado na vindima a ganhar um «dinheirinho» e, saboreava a frescura da água mais a limpeza do sabão. A forma como se enxugava, com a toalha, durante os cumprimentos,

exprimiam bem quanto saboreara aquele meio banho.

Um mantas, penduradas em cordéis atados de uma parede à outra, faziam o recato das camas.

— *Olhe que aqui, senhor Padre, criei dez filhos!*

A gente até estremece! Dez filhos — num pardieiro daqueles!

É verdade que nem todos se equilibraram. Mas, meu Deus, quanta heróicidade!... Há vinte anos viúva, ainda metade dos filhos, pelo menos, eram menores.

Quem me alertou para este caso foi uma emigrante, em França, dali natural que, conhecendo a infeliz situação, se começou a doer.

Por lá fez, como pôde, a sua propaganda e conseguiu arranjar quase dois mil euros.

É interessante verificar como a distância diminui o atrito, recia a sensibilidade e a consciência!

Longe, visitando raramente o seu torrão natal, observou que os vizinhos não gostavam deles e evitavam-nos: — Uma terrível injustiça humana para os dias de hoje. Aos olhos de Deus um grande pecado, gerador de muitas omissões.

Os vizinhos, acham que eles são desgovernados, malandros, sujeitos, desordenados, bêbados, etc.

Só vêm os defeitos, e, daí, uma certa retracção humana e uma apatia confrangedora.

Aqueles Pobres não têm qualquer consolo, meu Deus! Admiram-se que o busquem no álcool!?

A Câmara pôs-lhes um telhado novo, no ano passado, água, uma

sanita e um lavatório resguardados por baixa parede de tijolo caiado, sem porta nem tecto.

A assistente social mandou-lhes que abrissem uma janela e eles fizeram um buraco. Tanto entra o ar como a luz, o calor e o frio. As paredes são construídas em pedra lascada, sem cimento nem cal. Foi fácil romper a abertura, não há qualquer reboco nem por fora nem por dentro.

Parece que o Pároco nunca os visitou. Pelo menos, nunca se atreveu a pregá-los do Altar abaixo. Dá aulas de Religião e Moral, numa Vila a vinte quilómetros. Não sei que religião! Tentei contactá-lo, sem o conseguir. Hei-de fazer por isso, ele é objecto de uma solicitude particular de Deus!

Há uma senhora, na terra, sensata e sensível à frieza da vivência da fé, ao calor da mesma, e à situação miserável da família em referência. É com ela que iremos jogar.

Ligados ao pardieiro e com as mesmas paredes estão ainda mais dois inquilinos. Todos os três dão uma casa razoável. A senhoria vende tudo por quinze mil euros. Já me comprometi.

A Câmara terá de ajudar. Ai deles se não me ouvirem! Planta de reestruturação, materiais — tudo está ao alcance legal da Câmara.

Há um grupo de escuteiros! Que tarefa linda para os jovens! E mais forças havemos de congregar.

Une-te a nós. Trata-se, somente, de fazer **JUSTIÇA! A JUSTIÇA DE DEUS!** Olha que esta só se faz com sacrifício. É a lição do Mestre! Somos Seus discípulos e não do mundo. Não gastes em ninharias os teus valores. Vem fazer **JUSTIÇA.**

Aqueles três crianças também merecem que lhes acudamos.

Padre Acílio

SETÚBAL

Pobres

UMA tarde em cada semana, temos ido com dois ou três rapazes visitar os Pobres. É como que uma escapatória que surge no percurso da semana, feito quase sempre em alta velocidade.

Hoje a vida é feita de mil coisas a cuidar. São tantas as tarefas e assuntos a tratar para a vida de cada rapaz, que multiplicadas pelos que nos foram dados, nos enchem as horas e os dias quase sem nos deixarem tempo para respirar.

Assim, a referida tarde semanal, ocupada a cuidar dos outros Pobres que em grande número nos procuram, permite-nos sair do circuito em que giramos diariamente, para um outro, também caminho nosso a percorrer.

Estas visitas têm-nos mostrado muitas situações de grande indigência. Tocam-nos particularmente os casos de solidão. Sejam novos ou velhos, as situações de abandono são as que mais nos ferem...

Por uma rua estreita ladeada de casas, chegámos à de uma velhinha viúva para quem nos tinham pedido ajuda. Vive só, há muitos anos, em sua pobre casa. Cega e cheia de maleitas, encontra numa vizinha o cireneu que a ajuda a caminhar até à meta da sua vida, pois os filhos que gerou cuidam somente de si mesmos.

As horas para ela são longas. A televisão vai dando alguma distração em momentos do dia, mas só a oração lhe enche a alma e lhe dá alento para viver. Quando sente o vazio no coração, volta-se para Deus e Ele a anima a prosseguir a caminhada da vida.

Bem-aventurados os Pobres porque na sua vida encontram a verdadeira riqueza.

Lembro-me de tanta gente com outros meios de vida, muito longe da indigência desta mulher pobre, sujeitos a depressões e angústias por não saberem que fazer de suas vidas, que poderiam dar a mão a estes Pobres, enriquecendo-se e vencendo suas dificuldades.

O mundo e as suas riquezas não podem encher a alma a ninguém. A confiança posta no conforto e bem-estar, apanágio da mentalidade dominante, resulta muito em becos-sem-saída, já que o homem se põe em marcha somente pela força do Espírito. A matéria para nada serve sem o Espírito que dá vida.

Saímos da casa da velhinha cega. Tanto precisava ela de uma casinha digna e da companhia da família que criou. São tantos em situação semelhante!... à espera.

Padre Júlio

Benguela

Continuação da página 1

as vítimas mais atingidas. Por isso, uma vez terminado o conflito armado, fez-se o levantamento de todas as que vivem nos Centros de acolhimento. Posteriormente, a notícia é levada a todos os cantos de Angola através dos meios de comunicação social com seus programas específicos. Há resultados animadores que estimulam a continuação. Muitos filhos reencontraram o seu lar.

Com esta visita à Casa do Gaiato havia a intenção de saber se algum dos rapazes se lembrava das pessoas de família com quem, alguma vez, tivesse convivido. As excepções são muito raras. A experiência geral diz-nos que não, infelizmente. Por des-

graça maior, a lembrança, quando existe, é deveras traumatizante. Alguns levam consigo marcas profundas postas pela guerra. Tenho diante dos meus olhos, todos os dias, o pequeno que viu a mãe ser morta, quando o trazia às costas. Contudo, a vontade é muito grande e a esperança não morre enquanto há vida. O remédio é só um: amar até ao fim. Uma percentagem assustadora das crianças angolanas está influenciada pelo trauma da guerra. A cura é lenta e requer paciência redobrada.

Um dos meios que tem dado bons resultados na elevação das crianças mais pequeninas, a partir do infantário, é o convívio com outras crianças doutros níveis sociais. Um das outras dão e rece-

bem. Foi o que aconteceu, há dias. Algumas horas passadas em conjunto ajudaram a comunicação, à maneira delas. Deste modo, os sinais negativos presentes no seu inconsciente vão desaparecendo

pela força desta intercomunicação carregada de normalidade.

Quem nos dera a sabedoria criadora de vida nova em todos aqueles que nos foram confiados!

Padre Manuel António

O Banqueiro dos POBRES

NO boletim MICRO CRÉDITO que apresentei no último artigo sob este título, lê-se um brevíssimo resumo do estado da questão a que a História dos dois séculos anteriores nos conduz, acerca dos sistemas económicos extremos que se arrogaram portadores da solução dos grandes problemas da Justiça Social:

«Pode-se hoje afirmar com mais clareza: 1 — que as teorias liberais raciocinaram e agiram como se a economia do desenvolvimento (com seus investimentos, infra-estruturas e circuitos financeiros) tivesse começado no século XIX e não tivesse precisado do Estado — o que se revelou historicamente falso; 2 — que as teorias marxistas raciocinaram e agiram como se a intervenção do Estado pudesse fazer a Economia substituindo-se às economias locais e de mercado — o que igualmente se revelou um erro grave.

Em ambos os casos foi ignorado o primeiro desenvolvimento, ou mesmo considerado como um obstáculo ao desenvolvimento. O primeiro desenvolvimento é o de uma economia de 'rés-do-chão', uma economia popular que subsiste através de sistemas locais

de troca nos mercados urbanos elementares, nas pequenas lojas de artesãos, nas pequenas oficinas de produção. Tudo isto constitui a base indispensável e a força sem a qual o desenvolvimento a outra escala se torna impossível.

O equilíbrio que é — deve ser! — um objectivo a nortear o homem em todas as áreas da sua vida, evidencia-se nesta, do fenómeno económico-financeiro, particularmente difícil. E o pior é a teimosia no reincidir em erros já verificados — e porquê?... Porque em todo o desequilíbrio há sempre uma parte mais forte ou mais afortunada, uma minoria projectada para altos níveis pelo declínio das multidões, qual alavanca de fulcro intermédio e de braços desiguais, neste caso de uma desigualdade contra-natura: 20% da Humanidade a pesar mais que os restantes 80%!

A Economia não pode reger-se por princípios exclusivamente científicos. Ela é para o homem. E grande parte dos desequilíbrios provém de comportamentos viciados que se escondem por trás de teorias elaboradas abstraíndo do homem. Não se espere

acerto das teorias extremas. Conforme à sabedoria do Povo, é no meio que há-de procurar-se a virtude.

Neste sentido, mesmo no Norte — informa o já referido boletim — «numerosas iniciativas de desenvolvimento local e de economia social trabalham para reforçar este primeiro desenvolvimento, provando assim que é possível, a partir de estratégias que apostam na economia popular realmente existente, lançar este primeiro desenvolvimento.» E não pode esquecer-se que «as sociedades industriais nascidas no século XIX, se construíram, durante pelos menos duzentos anos, a partir dos nichos desta economia de 'rés-do-chão'»

Se assim é no Norte, com mais razão no Sul, em atraso de pelo menos estes dois séculos, é preciso que «investigadores, economistas e sociólogos não subestimem este primeiro desenvolvimento tanto tempo desprezado e convidem movimentos e instituições a afirmar e pôr em prática» o progresso destes povos a partir deste patamar «esquecido tempo de mais».

Pensar e fazer de outro modo, sem atender ao ritmo próprio destas gentes, poderá parecer, ou mesmo ser, uma boa intenção; mas, realmente será um regresso a formas de colonizar.

Padre Carlos

PENSAMENTO

A nota mundana causa tédio a quem sofre a sorte do Pobre.

PAI AMÉRICO